

Dublagem como elemento identitário em narrativas seriadas: um estudo sobre “Anos Incríveis”

Dubbing as an element of identity in serial narratives: a study on “Anos Incríveis”

Marcio Dantas de Andrade¹

Sérgio Nesteriuk²

1 Mestre em Comunicação Audiovisual pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Anhembi Morumbi. Graduado em Jornalismo. E-mail: marciodandrade@yahoo.com.br.

2 Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Anhembi Morumbi. Pesquisa o universo dos games, animação, produção sonora e audiovisual. Foi produtor artístico e cultural no MIS- Museu da Imagem e do Som e na Fundação Memorial da América Latina. Consultor de roteiro e dramaturgia do ANIMATV (SAv/MinC; TV Brasil; TV Cultura) e de outros projetos realizados por estúdios e produtoras. E-mail: sergio.gallo@animaeducacao.com.br.

Resumo

Este artigo investiga o papel da dublagem como elemento identitário em narrativas seriadas, com destaque para o impacto cultural e técnico da série "Anos Incríveis" no Brasil. A análise aborda como a escolha e manutenção de dubladores influenciam a experiência do público, explorando a trajetória de Angélica Santos na dublagem da personagem Kevin Arnold e de Carlos Falat como Paul Pfeiffer. Com base no referencial teórico apresentado no texto, discute-se como a dublagem pode aproximar as obras audiovisuais de diferentes culturas ao público local. Além disso, são apresentados exemplos de adaptações culturais e técnicas vocais utilizadas por dubladores, evidenciando a dublagem como um elemento indispensável na construção da identidade cultural em produções audiovisuais.

Palavras-chave: Dublagem; identidade cultural; narrativas seriadas; "Anos Incríveis"; televisão.

Abstract

This article examines the role of dubbing as an identity element in serialized narratives, focusing on the cultural and technical impact of the series *The Wonder Years* in Brazil. The analysis highlights how the choice and continuity of voice actors influence audience experience, exploring Angélica Santos's portrayal of Kevin Arnold and Carlos Falat's work as Paul Pfeiffer. Based on studies by authors like Umberto Eco and Simone Maria Rocha, the article discusses how dubbing adapts audiovisual works from different cultures to local audiences, fostering viewer loyalty. Additionally, examples of cultural adaptations and vocal techniques employed by dubbing artists are presented, showcasing dubbing as an essential art in constructing cultural identity in audiovisual productions.

Keywords: Dubbing; cultural identity; serialized narratives; *The Wonder Years*, television.

Introdução

A dublagem é uma prática audiovisual que ultrapassa a noção mais ordinária de tradução de diálogos para outros idiomas. Também defendemos neste texto, que é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, que a dublagem pode ser entendida como um fenômeno sociocultural que pode moldar a recepção de narrativas globais. No Brasil, esse processo tem se consolidado como uma forma de aproximação cultural e emocional entre o público e as produções audiovisuais estrangeiras. Desde o advento do cinema falado, a dublagem tem se transformado, ampliando sua presença audiovisual e incorporando novas técnicas e profissionais qualificados. No Brasil, o primeiro filme falado foi *Acabaram-se os Otários*, de 1929, dirigido por Luiz de Barros. Este filme foi anunciado como “um filme brasileiro cantado e falado em português”, representando um marco na história do cinema nacional. De acordo com Valencise (2012), o diretor Luiz de Barros desenvolveu o “SincrocineX”, um sistema considerado inovador para os padrões de época para gravar as falas e músicas em discos, que seriam posteriormente sincronizados com as imagens durante a exibição do filme. Essa técnica permitiu a inserção do som no filme, o que pode ser considerada a primeira experiência do que se tornou a dublagem como conhecemos hoje.

O processo de dublagem envolve a acomodação de valores identitários que favorecem a identificação do espectador com elementos culturais específicos de uma dada sociedade. Especificamente dentro de uma narrativa seriada, diversos elementos podem contribuir para a construção da identidade da obra, destacando-se a voz dublada como um componente fundamental na percepção dos telespectadores brasileiros. No Brasil, a dublagem não apenas adapta o conteúdo linguístico, mas reforça a identidade da produção ao alinhar a voz dos personagens com as expectativas culturais e emocionais do público. Dessa forma, a voz dublada torna-se um elemento narrativo essencial, consolidando a conexão entre o seriado e sua audiência, ao mesmo tempo que enriquece a experiência e contribui para a autenticidade cultural da narrativa. Um dos indicadores do reconhecimento social da voz dublada no país, pode ser identificado nas grandes comunidades de fãs de dubladores – que, não raras vezes, são maiores do que a própria base de fãs das atrizes e atores das vozes originais. Neste sentido, as plataformas digitais, como o TikTok, por

exemplo, desempenham importante papel na divulgação dos profissionais da dublagem e mobilização de seus fãs (Omelete, 2024). Essa dinâmica reforça o impacto cultural da dublagem no Brasil, bem como sua crescente influência no cenário do audiovisual.

Além das redes sociais, os fãs de dublagem também se manifestam em fóruns de discussão e sites especializados, como a Dublapédia (2025). Essa plataforma, alimentada colaborativamente por fãs e entusiastas, funciona em formato Wiki (semelhante à Wikipedia) como uma espécie de enciclopédia virtual dedicada aos profissionais da dublagem, reunindo informações detalhadas sobre dubladores, estúdios e trabalhos realizados em produções com versão brasileira.

No Brasil, séries como a estadunidense *Anos Incríveis* (*The Wonder Years 1988-1993*), criada por Carol Black e Neal Marlens, conquistaram destaque não apenas por sua narrativa, mas também pela dublagem, que aproximou as histórias e personagens dos espectadores nacionais, criando uma relação de identificação e pertencimento.

Este artigo propõe uma análise multidimensional da dublagem, explorando seus aspectos técnicos, culturais e artísticos. Por meio de exemplos, busca-se compreender como a continuidade de vozes, as adaptações culturais e a preservação da identidade narrativa podem contribuir para a fidelização do público. Além disso, discute-se os desafios enfrentados pelos dubladores, e o apelo emocional que essa continuidade proporciona ao telespectador, destacando o impacto dessa prática no envolvimento do público com as produções seriadas estrangeiras exibidas no Brasil.

Dublagem como ferramenta de adaptação cultural

A dublagem configura-se como um elemento em que a voz desempenha um papel importante na adaptação de produções audiovisuais originárias de diferentes países e idiomas. Esse processo não apenas torna o conteúdo mais acessível a novos públicos, mas também incorpora elementos culturais no processo tradutório, buscando criar uma maior identificação e engajamento

com o público. Segundo Fonseca (2023), a dublagem configura-se como um exercício de interpretação que tem como objetivo realizar uma sobreposição de uma atuação em língua local, neste caso, o português brasileiro, sobre uma interpretação estrangeira. Esse processo é semelhante à tradução, pois envolve a transposição de um conteúdo cultural e linguístico de um território para outro, possibilitando sua adaptação ao contexto brasileiro. A prática da dublagem permite que uma interpretação em português seja aplicada sobre a original, que pode estar em francês, inglês, italiano ou outro idioma, de modo a criar uma atmosfera em que a narrativa seja acessível sem a necessidade de legendas. Essa adaptação facilita a compreensão direta do conteúdo em diferentes meios, como cinema, televisão e dispositivos móveis, proporcionando uma experiência diferente daquela com o uso de legendas. Enquanto prática cultural, a dublagem estabelece uma conexão simbólica entre culturas distintas, promovendo um processo de pertencimento e identificação. A respeito disso, Fonseca (2023) afirma:

Michel de Certeau, em *A Invenção do Cotidiano*, propõe que certos processos simbólicos, repetidos no cotidiano e nas práticas sociais, geram uma sensação de pertencimento. Essa noção de pertencimento, aplicada ao contexto da dublagem, revela-se como um exercício de adaptação cultural, no qual elementos de uma cultura estrangeira são transpostos para a realidade local, criando uma aproximação com o público receptor (Fonseca, 2023).

Rocha, em seu estudo *Estilo Televisivo* (2016), observa que “a TV é muito mais multifacetada do que tendemos a vê-la”. A autora destaca a complexidade da televisão enquanto meio de comunicação, que, apesar de poder parecer simples à primeira vista, possui diversas camadas de interpretação. No mesmo sentido, Jason Mitchell, em *Television and American Culture* (2010), salienta que uma das facetas da televisão é funcionar como uma espécie de “espelho do nosso mundo”, muitas vezes oferecendo uma visão distorcida da identidade nacional e influenciando as percepções que temos sobre diferentes grupos sociais. Nesse contexto, a dublagem não só pode facilitar o entendimento linguístico de produções estrangeiras, mas também adapta culturalmente as obras para que sejam mais próximas da realidade imediata do público local.

Produções seriadas estrangeiras de grande sucesso popular no Brasil, como *Chaves* (1973-1980) e *Chapolin Colorado* (1973-1979), são exemplos desse processo de adaptação cultural. Originalmente criadas no México, pelo roteirista e ator Roberto Gomes Bolaños, essas séries foram dubladas para o português pelos estúdios Maga em 1984 e, posteriormente, por outros estúdios especializados. A dublagem foi fundamental para adaptar os elementos culturais mexicanos presentes nessas produções ao cotidiano brasileiro, tornando as personagens mais familiares ao público nacional. Apesar da simplicidade técnica das produções, tanto no original quanto nas versões dubladas, uma análise mais aprofundada revela a complexidade envolvida na tradução dos roteiros e na interpretação dos atores. O ator e dublador Nelson Machado, que participou diretamente desse processo, relata, em seu livro *Versão Brasileira* (2017), os desafios e recompensas envolvidos na adaptação dessas produções mexicanas para o público brasileiro.

Segundo Machado (2017), a direção da dublagem de *Chaves* foi uma experiência pessoal prazerosa, mas a tradução se mostrou extremamente trabalhosa. O dublador aponta que muitos trocadilhos e piadas presentes nos diálogos originais não faziam sentido ao serem traduzidos diretamente do espanhol para o português, o que exigia, muitas vezes, a reescritura de outras cenas relacionadas. Um exemplo mencionado pelo autor, e recorrente em diversos episódios da série, se dá na escola da personagem Professor Jirafales, em que eram dadas aulas de História. O conteúdo histórico mexicano, não seria compreendido nem faria o mesmo sentido para o público infantojuvenil brasileiro, o que demandou uma adaptação do material original.

Para realizar essa adaptação, Machado buscou substituir as figuras históricas mexicanas por equivalentes da História do Brasil. No entanto, o autor destaca a dificuldade em encontrar essas correspondências, sendo necessário, na época, entrar em contato com o Consulado do México para receber uma análise intensiva sobre as figuras históricas mexicanas, o que permitiu que ele encontrasse equivalentes na história brasileira (Machado, 2017).

Esse breve relato evidencia como a dublagem, especialmente em casos de obras enraizadas em contextos culturais específicos, requer uma adaptação atenta para garantir que o público local possa melhor compreender e se identificar com os conteúdos apresentados. Mais do que um simples processo técnico, a dublagem envolve uma recriação que preserva a essência da obra

original, ao mesmo tempo que dialoga e se adapta à realidade cultural do público de destino.

A dublagem, enquanto prática associada à adaptação de conteúdos audiovisuais para diferentes públicos, também pode ser analisada à luz da questão da repetitividade nas obras produzidas pelos meios de comunicação de massa. Em “A inovação do seriado”, Eco (1989) observa que:

Quando a estética moderna se viu diante de obras produzidas pelos meios de comunicação de massa, negou-lhes qualquer valor artístico exatamente porque pareciam repetitivas, construídas de acordo com um modelo sempre igual, de modo a dar a seus destinatários o que eles queriam e esperavam (Eco, 1989. p.120).

Essa crítica pode ser aplicada, de certa forma, ao fenômeno da dublagem, uma vez que busca reproduzir características da obra original de maneira fiel, oferecendo ao público local uma versão que preserve a familiaridade e os elementos trabalhados pelos autores das obras, porém, com pouco – ou nenhum – reconhecimento da crítica especializada, que trata a dublagem como uma arte menor. Entretanto, a dublagem, por seu caráter adaptativo, também permite releituras e reinterpretações que podem transformar a experiência do público, superando a ideia de simples repetição. Isso evidencia o papel da dublagem não apenas como mero processo de tradução, mas como uma recriação criativa, especialmente quando confrontada com o desafio de adaptar produções seriadas, que são construídas, muitas vezes, para atender às expectativas pré-estabelecidas de seus espectadores. Nesse contexto, a reflexão de Umberto Eco, novamente em “A inovação do seriado”, é elucidativa: “A série, neste sentido, responde à necessidade infantil, mas nem por isso doentia, de ouvir sempre a mesma história, de consolar-se com o retorno do idêntico, superficialmente mascarado” (Eco, 1989. p.130).

Ao trazer essa análise para o campo da dublagem, observa-se que o espectador frequentemente espera, na “versão brasileira”, a presença do mesmo profissional de voz responsável previamente pela dublagem de determinado ator ou atriz. Esse fenômeno atende à necessidade de “consolar-se com o retorno do idêntico, superficialmente mascarado” (Eco, 1989. p.123), reforçan-

do, conforme mencionado anteriormente, a conexão emocional e a familiaridade do público com a obra original.

Exceções e impactos na integridade da obra audiovisual

Embora, como vimos, a dublagem tenha como objetivo principal a adaptação linguística e cultural de uma obra para um público específico, existem exceções em que a versão dublada pode alterar deliberadamente aspectos fundamentais da narrativa, como o desfecho de uma produção audiovisual. Um exemplo dessa prática ocorreu com a primeira e única versão dublada do filme *Rocky - Um Lutador* (1976), realizada pelo extinto estúdio Telecine, do Rio de Janeiro. Na versão original do filme, a personagem Apollo Creed (Carl Weathers) vence a luta de boxe contra Rocky Balboa (Sylvester Stallone) por pontos. No entanto, na versão dublada em português, foi incluído um diálogo inexistente na versão original em inglês do filme, no qual o locutor da luta afirma que a disputa terminou empatada.

No entanto, tais mudanças não são representativas do processo de dublagem como um todo e devem ser vistas como exceções, não sendo frequentes em análises sobre a prática da dublagem. De maneira geral, a dublagem busca preservar a integridade narrativa original, respeitando suas estruturas e intenções primárias, ainda que certas adaptações possam ser necessárias para se adequar ao público local.

Seguir o acompanhamento de uma série, mesmo quando não é necessário assisti-la em ordem cronológica, ainda encontra um público cativo. Esse fenômeno pode ser observado em séries cômicas como *Chaves* e *Chapolin Colorado*, citados anteriormente, bem como em produções que marcaram a história da televisão, tal como “Anos Incríveis” (1988-1993). Esta última, manteve, em sua versão original, os mesmos atores principais que foram envelhecendo junto com suas personagens ao longo das temporadas, permitindo que o público acompanhasse este mesmo passar do tempo. Da mesma forma, a dublagem da *Versão Brasileira* também conservou o mesmo elenco para a dublagem de diferentes temporadas ao longo dos anos.

Estudo de caso: série Anos Incríveis (1988-1993)

A produção televisiva estadunidense Anos Incríveis (The Wonder Years), transmitida originalmente entre 1988 e 1993, aborda o cotidiano de uma família de classe média nos Estados Unidos no período de transição entre os anos 1960 e 1970. Criada por Neal Marlens e Carol Black, a série é protagonizada por Kevin Arnold, interpretado pelo ator Fred Savage, um jovem que, ao longo de seis temporadas, enfrenta as diversas etapas de seu processo de amadurecimento, explorando suas interações familiares, educacionais e afetivas, bem como o contexto sociopolítico da época (TV História, 2018).

A estrutura narrativa da série é baseada em uma perspectiva retrospectiva, com Kevin adulto narrando suas memórias da adolescência. Esse recurso de narração em off, aliado a uma trilha sonora representativa do período retratado, contribui para criar uma atmosfera nostálgica que permeia a obra. Entre os eventos históricos abordados estão a Guerra do Vietnã e os movimentos sociais dos anos 1960, que fornecem um pano de fundo para o desenvolvimento das tramas pessoais e familiares de Kevin.

A série estreou no Brasil em 8 de setembro de 1993, às 20h, na TV Cultura de São Paulo. De acordo com uma publicação do jornal A Tribuna no mesmo dia, a produção chegou ao país já aclamada por público e crítica, o que impulsionou seu impacto local. Esse sucesso no país foi, em grande parte, potencializado pela versão brasileira, realizada pelos estúdios Álamo, com direção de dublagem de Ricardo Nóvoa, destacando-se especialmente pela escolha dos dubladores das protagonistas.

A personagem de Kevin Arnold em sua infância até a adolescência foi dublada por Angélica Santos – é prática relativamente comum mulheres dublarem a voz de personagens masculinas quando crianças e adolescentes. A atriz começou a dublar o protagonista quando ele tinha 12 anos de idade e permaneceu no elenco até o final da série, período em que Kevin atingiu os 18 anos e passou por mudanças naturais em sua voz, resultantes de alterações hormonais.

Em entrevista concedida ao pesquisador, Angélica Santos afirma que já possuía experiência na dublagem de personagens crianças do sexo masculino,

foi convidada para realizar um teste no estúdio Álamo após o dublador infantil originalmente escalado para o papel de Kevin precisar deixar o projeto por conflitos de agenda. Apesar de um receio inicial por parte da produtora em relação à ideia de uma mulher dublar um personagem masculino, Angélica, conta que decidiu se apresentar com o apelido “GG” para ocultar sua identidade. Seu desempenho no teste foi bem-sucedido, e ela assumiu a dublagem de Kevin, permanecendo no papel até o final da série (Santos, 2024).

A adaptação da voz de Angélica Santos acompanhou o amadurecimento da personagem ao longo das temporadas. Esse ajuste vocal despertou a atenção da equipe da TV Cultura, que, intrigada com as mudanças no timbre de Kevin, visitou o estúdio para compreender a questão. Ao descobrirem que a dubladora era a responsável pela voz do protagonista, a decisão de mantê-la no papel foi consolidada, em reconhecimento ao trabalho que ela desenvolvia.

Angélica Santos relata que sua técnica de dublagem para Kevin envolvia uma estratégia que ela denomina como “vestir o personagem”, ou seja, observar e adaptar-se de maneira gradual ao crescimento do protagonista, ajustando o tom de sua voz de acordo com suas transformações, sem usar de técnicas caricatas, o que poderia tirar a autenticidade da interpretação.

Outro exemplo de trabalho vocal identificado no mesmo seriado é o do ator e dublador Carlos Falat, que desenvolveu uma técnica de modulação vocal, ou seja, usou de um método que envolve a alteração de diversos aspectos da voz, como tom, volume, ritmo, altura, frequência e timbre, com o objetivo de adequá-la tanto à mensagem a ser transmitida quanto ao público-alvo para diferenciar as entonações da sua personagem, Paul Pfeiffer, interpretado originalmente por Josh Saviano. Em entrevista concedida ao pesquisador, o dublador afirma que adaptou seu timbre vocal ao crescimento do personagem, utilizando técnicas como respiração diafragmática e ressonância vocal, ajustando-o para um tom mais grave conforme a personagem avançava para a adolescência. Essas práticas, desenvolvidas ao longo de sua trajetória em radionovelas e no canto lírico, asseguraram que as mudanças etárias fossem acompanhadas por uma representação vocal compatível com as transformações físicas e psicológicas típicas desse período (Falat, 2024).

A manutenção de dubladores ao longo de produções seriadas é um fator crucial para a fidelização do público. Nesse contexto, Umberto Eco argumen-

ta que a inovação e a serialidade desempenham papéis cruciais na experiência do público (Eco, 1989). A continuidade serial, elemento essencial para a construção de identidade e familiaridade da narrativa, não foi interrompida ao longo das temporadas – inclusive em sua dublagem. Embora existisse a possibilidade de substituição do dublador por um jovem que correspondesse melhor à idade do ator Fred Savage, optou-se por manter a atriz original desde o início da série. Esse ato de reconhecimento e manutenção da voz dublada estabelece uma conexão contínua com o público brasileiro, reforçando a fidelidade e o engajamento daqueles que acompanharam a exibição na TV Cultura de São Paulo.

É relevante destacar que, no âmbito da dublagem, quando um profissional se destaca por seu trabalho ao substituir a voz original de um ator estrangeiro, o público que acompanhou a obra tende a associar a voz do dublador não ao seu nome, mas a personagem interpretada. Isto é, ao ouvir uma voz que remete a uma personagem específica, as pessoas usualmente não identificam a voz como pertencente ao dublador – como no caso de Angélica Santos –, mas sim a personagem, como Kevin Arnold, criando uma relação de indissociabilidade e identificação entre voz, personagem e narrativa.

Também vale mencionar que no início da década de 1990, os profissionais de dublagem no Brasil possuíam certo anonimato, pois não eram creditados na própria produção e tão pouco reconhecidos e valorizados pelo público, como acontece em muitos casos hoje, mas apenas por suas próprias vozes. A ausência de plataformas de mídia social – como as que existem neste século – limitava a visibilidade desses profissionais para o público em geral, especialmente para os entusiastas do trabalho de dublagem. Assim, era comum que o público não soubesse identificar os nomes dos dubladores responsáveis por determinados personagens, pois conheciam somente as vozes, sem associá-las aos profissionais do audiovisual por trás delas.

A promulgação da Lei n.º 12.091, de 11 de novembro de 2009, elaborada pelo deputado Clodovil Hernandes, trouxe mudanças para esse cenário. Essa legislação acrescentou ao § 1º do art. 10 da Lei de Direitos Autorais (Lei n.º 9.610/1998) a obrigatoriedade de inclusão dos nomes dos dubladores nos créditos de obras audiovisuais. Dessa forma, os profissionais de dublagem passaram a ter seus trabalhos devidamente creditados e reconhecidos pelo público, o que também permitiu um maior conhecimento e

valorização desses profissionais no cenário audiovisual e cultural brasileiro (Brasil, 2009).

Considerações finais

A dublagem desempenha um papel central na construção identitária em narrativas audiovisuais, atuando como uma ponte entre diferentes culturas e promovendo a aproximação do público com as histórias contadas. O estudo de caso, com o seriado Anos Incríveis, revela a importância de um trabalho técnico e artístico que vai além da mera tradução, envolvendo adaptação cultural, continuidade vocal e sensibilidade interpretativa. Desta forma, a dublagem emerge como um fenômeno, em que aspectos técnicos, artísticos e socio-culturais convergem para adaptar e contextualizar narrativas globais. Além disso, o papel da continuidade vocal e o impacto das escolhas e do trabalho de dubladores na contribuição para a experiência do espectador, muitas vezes fidelizando o público de uma série. Assim como acontece com as associações feitas a certos atores, que permanecem com a mesma voz dublada ainda que atuando em diferentes obras, e personagens ao longo do tempo, como vimos no caso da série abordada neste texto.

Por fim, reiteramos que a dublagem não deve ser considerada apenas como um processo técnico, mas como um elemento indispensável na construção da identidade cultural e para ampliação do repertório de produções audiovisuais pelo público brasileiro. O processo de dublagem promove um diálogo contínuo entre culturas, ampliando a compreensão e reafirmando a importância do audiovisual como um meio de conexão e pertencimento.

Referências

AVILDSEN, John G. (Diretor). Rocky. Estados Unidos: United Artists, 1976. 120 min., color.

BLACK, Carol; MARLENS, Neal. The Wonder Years (Anos Incríveis) (série de TV). Produção de 20th Television. Exibido originalmente de 1988 a 1993.

BOLAÑOS, Roberto Gómez. *Chapolin Colorado* (série de TV). Produção de Televisa. Exibido originalmente de 1973 a 1979.

BOLAÑOS, Roberto Gómez. *Chavo del Ocho (Chaves)* (série de TV). Produção de Televisa. Exibido originalmente de 1973 a 1980.

BRASIL. Lei Nº 22.091, de 11 de novembro de 2009. Acrescenta inciso VII ao § 2º do art. 81 da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, para incluir o nome dos dubladores nos créditos das obras audiovisuais. Senado Federal, Brasília, DF, 11 nov. 2009. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/580783>. Acesso em: 14 nov. 2024.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

DA REPORTAGEM. Nova série conta aventuras de um garoto de 12 anos. *A Tribuna*, Santos, 8 set. 1993. Seção B, p. B-4. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_07&pesq=Wonder%20Years&pasta=ano%20199&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=87119. Acesso em: 28 out. 2024.

DUBLAPÉDIA. Página principal. Disponível em: https://dublagem.fandom.com/wiki/P%C3%A1gina_principal. Acesso em: 21 mar. 2025.

ECO, Umberto. *A inovação do seriado*. In: *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

FALAT, Carlos. Entrevista concedida a Marcio Dantas de Andrade. Google Meet, 19 jul. 2024.

FONSECA, Rodrigo. Pressão de fãs reverte a “péssima dublagem” de Tulsa King: “Só Luiz Feier dubla Sly”. *O Estado de São Paulo*, 04 de março de 2023. Acesso em 13 out. 2024. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/p-de-pop/pressao-de-fas-reverte-a-pessima-dublagem-de-tulsa-king-so-luiz-feier-dubla-sly/>

FONSECA, Rodrigo. Entrevista concedida a Marcio Dantas de Andrade. Google Meet, 23 out. 2024.

MACHADO, Nelson. *Versão Brasileira*. São Paulo: Editora OEM, 2017.

MELO, Matheus. *Dublagem Brasileira: Uma Perspectiva Intercultural*. 2024.

Dissertação (Mestrado em Meios e Processos Audiovisuais) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024. Acesso em 14 nov. 2024. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27161/tde-19092024-135439/fr.php>

MITCHELL, Jason. *Television and American Culture*. Nova York: Oxford University Press, 2010.

OMELETE. TikTok impulsiona dublagem nacional e conecta fãs às vozes que tanto amam. Omelete, 2024. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/mangas-animes/tiktok-impulsiona-dublagem-nacional-conecta-fas-as-vozes-que-tanto-amam>. Acesso em: 21 mar. 2025.

ROCHA, Simone Maria. *Estilo Televisivo*. São Paulo: Editora Insular, 2016.

RODDENBERRY, Gene. *Star Trek* (série de TV). Produção de Desilu Productions; Paramount Television. Exibido originalmente de 1966 a 1969.

SANTOS, Maria Angélica. Entrevista concedida a Marcio Dantas de Andrade. Google Meet, 22 set. 2024.

TV HISTÓRIA. Kevin Arnold, Winnie Cooper e mais: os segredos da série Anos Incríveis que estreava há 30 anos. 2018. Disponível em: https://tvhistoria.com.br/kevin-arnold-winnie-cooper-e-mais-os-segredos-da-serie-anos-incriveis-que-estreava-ha-30-anos/#google_vignette. Acesso em: 12 dez. 2024.

VALENCISE, João Miguel. *A chegada do som nos cinemas de São Paulo segundo a Folha da Manhã (1928-1933)*. 2012. 199 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012. Acesso em 15 nov. 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/5597>.